

CAMINHOS PARA UM INVENTÁRIO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE PESSOAS TRANS NEGRAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Lau Graef D. Camargo
Graduando em Artes Visuais- licenciatura - Bolsista IC Fapergs / Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Igor Moraes Simões (Orientador)
Doutor em Artes Visuais- História, Teoria e Crítica da Arte PPGAV- UFRGS / Professor adjunto de História, Teoria E Crítica da Arte- UERGS

Resumo: Pretende-se realizar uma apresentação do começo de uma investigação em torno das proposições artísticas de pessoas trans negras brasileiras na contemporaneidade. Visamos por meio de pesquisa em arquivos, trabalhos acadêmicos e realização de entrevistas, a constituição de categorias analíticas possíveis para pensar essas proposições. Mapeando pontos de convergência e de afastamento entre as/es/os artistas a partir de marcadores sociais como gênero, raça e sexualidade, essa pesquisa visa ampliar o acesso a esses trabalhos e alargar a possibilidade de que corporalidades não cisgêneras e não brancas sejam visíveis em abordagens da história da arte brasileira no âmbito acadêmico. Por meio do conceito de interseccionalidade e, posteriormente, apresentando obras de duas das pessoas pesquisadas até então, buscamos apresentar o que compreende-se como uma produção que caracteriza dimensão radical na arte brasileira, buscando apontar para um novo campo de estudos historiográficos.

Palavras-chave: Arte Brasileira; Racialização; Transgeneridade.

A PESQUISA E SEUS CAMINHOS

A pesquisa “cuidado com a visão de rapina das gazelas - Inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira”, em desenvolvimento desde setembro deste ano (2021), trata, primeiramente, da constituição de um levantamento das produções de pessoas trans negras que atuam

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

no campo das artes visuais no Brasil e está sendo composta a partir de pesquisa em arquivos e trabalhos acadêmicos e, futuramente, realização de entrevistas.

Para tanto estabeleceu-se a partir de um recorte temporal as/es/os sujeitas/es/os que passarão a compor o inventário. É tomada como ponto de recorte a produção de artistas trans e negras/es/os com produção entre os anos de 2010 e 2021. Até então, estão sendo pesquisadas/es/os: Castiel Vitorino, Bruna Kury, Elton Panamby, Jota Mombaça, Ventura Profana, Odaraya Mello, Walla Capelobo, Luan Okun, Rainha F e Aretha Sadick. A partir delas/es/os, a pesquisa tem buscado a constituição de um arquivo de imagens, textos e referências capaz de ir contra inconscientes coloniais (Rolnik, 2015) que deslegitimam, invisibilizam, inferiorizam e exotificam a intersecção entre gênero e raça.

Se para mulheres e homens auto identificadas/os com a cisgeneridade a arte brasileira se demonstra eivada de silenciamentos e obstruções, como demonstram pesquisas recentes (Felinto, 2016; Menezes, 2017; Simões, 2019), a produção artística quando tomada a partir de um recorte racial e trans nos coloca diante de uma parcela de sujeitos que encontra, tanto na vida quanto na arte, uma série de entraves. Buscar seus nomes, entender as particularidades de sua produção e situá-las em um panorama, ao mesmo tempo, geral e específico da arte brasileira contemporânea e sua história tem sido o intento principal desta investigação.

Segundo Joan Scott (1995, p. 79), a história dos sujeitos é produzida discursivamente através de sistemas de discurso contraditórios e conflituosos dentro de um dado contexto social e histórico; sendo assim, busca-se investigar uma

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

produção artística que, de alguma forma, tenha poder para tensionar o discurso da norma eurocêntrica moderna enquanto verdade inegociável.

Entendemos que uma pesquisa realizada no interior de um curso de licenciatura em arte deve se comprometer não apenas em reproduzir aquilo que está estabelecido, mas insistir na provocação de novas sensibilidades e compreensões do que seja a arte que se torna presente em suas práticas educativas e poéticas. É do interesse da pesquisa atentar para as particularidades e possibilidades de criação de categorias para análise destes atravessamentos (transgeneridade e negritude) a partir da articulação das proposições artísticas com conceitos advindos da teoria queer, transfeminismo e feminismo descolonial.

Em Jota Mombaça encontramos uma articulação entre as possibilidades de produção acadêmica e artística enquanto forma de resistência dentro da academia. Segundo Jota (2015, s/p),

> "A universidade se revela, mais bem, um espaço de violência e de geração de conteúdos dominantes, que não cessa de produzir como ausentes certas vozes para que ecoem outras, nublando formas alternativas de conceber o saber e sua relação com o mundo, para que se consolidem regimes de verdade dentro dos quais a subalternidade só pode ser construída como lugar de impotência—onde não há conhecimento e nem fala"

Sendo assim, temos entendido que ao inventariar produções a fim de ampliar o acesso à elas dentro destes espaços apontados por Jota enquanto excludentes, visualiza-se uma movimentação no sentido de questionar aquilo que temos aprendido e ensinado como arte brasileira e a permanência de imagens, subjetividades e saberes transfóbicos, eurocêntricos, masculinistas, racistas, elitistas e capacitistas que envolvem o saber acadêmico.

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Ao tentar abarcar corporalidades não hegemônicas que habitam a esfera necropolítica (Mbembe, 2018) - onde há não apenas mortes físicas, mas também epistêmicas que levam à subalternização de subjetividades, - intenta-se pelas multiplicidades roubadas pelo discurso normativo intrínseco a história da arte ocidental, ao passo que, busca-se ampliar possibilidades de pertencimento para corporalidades trans negras dentro da história da arte brasileira.

CAMINHOS A SEREM ABERTOS NA BUSCA POR OUTRAS HISTÓRIAS DA ARTE

Até então ao pesquisar por artistas que ocupem uma posição racializada e/ou generificada em acervos de arte, nos deparamos constantemente com entraves causados pela falta de uso da intersecicionalidade enquanto ferramenta de análise para elucidar questões referentes a invisibilização de sujeitos trans e negros dentro da lógica feminista (VERGUEIRO, 2014). Tanto o feminismo negro quanto o transfeminismo pautam a interseccionalidade como recurso para uma fuga a normatização dos corpos e do controle político causado pela redução do sujeito do feminismo à mulher, segundo Preciado (2018, p.118) “sob a aparente neutralidade e universalidade do termo “mulher”, esconde-se uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividade: sexo, raça, classe, sexualidade, idade, capacidade, diferenças geopolíticas e corporais, etc.”

Apontamos aqui para uma pesquisa que se faz possível a partir do uso de recortes como raça e transgeneridade, enquanto categorias onde existem “relações que são mútuas e outras que são cruzadas.” (DAVIS, 1997) para descentrar a ideia

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

de um sujeito estável e único, por meio da possibilidade da não essencialização desse sujeito a um corpo sempre hétero, branco, burguês e cisgênero. “O conceito de interseccionalidade proporciona, portanto, maior abrangência na análise e percepção dessas múltiplas e concomitantes formas de discriminação e exclusão” (BATISTA, 2017, p. 76).

A partir da compreensão do pensamento interseccional, entende-se que o uso destes recortes identitários é importante para que outras categorias e corporalidades passem a habitar o espaço da arte. Pesquisas anteriores, como a das *Guerilla* Girls no MASP, constroem uma crítica onde apontam para a produções de artistas mulheres dentro do museu sem olhar para quem são essas mulheres, correndo, portanto, o risco de que categorias mais precarizadas do que a da mulher cis branca sejam invisibilizadas - mantendo-se a margem desses espaços mesmo quando eles são gerados e pensados por uma lógica inclusiva.

Mombaça, ao se referir a corporalidades imbricadas nessas categorias entrecruzadas, e, portanto, sempre limitadas e invisibilidadas, questiona:

> “E se, em vez da inteireza, da autoconsciência, da capacidade de autodeterminação e autoestima, houvesse um sentido de quebra que desloca efetivamente as posições inconformes à matriz cisgênera? E se essa sujeição inconsistente, esse modo de ser quebrado demais para traduzir-se em uma coerência identitária e representativa, qualquer que seja, insinuasse também uma forma de presença efetivamente desobediente de gênero?” (Mombaça,2021, p. 21)

Surge aqui, um caminho.

ENTRECRUZAR DE CAMINHOS

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Então, a partir do uso da interseccionalidade e da noção de *quebra*, citada acima em Mombaça, brevemente apresentaremos o que foi encontrado na investigação da produção artística de duas, das dez, pessoas trans negras mapeadas até então. São elas Jota Mombaça (1991) e Castiel Vitorino Brasileiro (1996). Segundo Simões (2021)

> "Uma das dimensões mais radicais da arte produzida no Brasil tem ganhado lugar na desobediência que marca a produção de nomes fundamentais para a arte contemporânea local. A produção de artistas como Jota Mombaça (1991-) e Castiel Vitorino Brasileiro (1996-) se projetam para além das fronteiras, sejam elas territoriais ou de gênero e raça. Aliás, a encruzilhada é potente localização para olhar para a complexa produção de Mombaça." (Simões, 2021)

Jota Mombaça, que se apresenta como uma bicha não-binária nordestina, trabalha com performance, escrita, audiovisual e faz estudos acadêmicos entorno das relações entre monstruosidade e humanidade, estudos kuir, giros decoloniais, redistribuição da violência e tensões entre estética, ética, arte e política. Recentemente publicou no Brasil o livro *Não vão nos matar agora*, em que, ainda segundo Simões (2021):

> "A complexidade de suas proposições ganha sentido em uma escrita que não se revela apenas como etapa do processo de criação poética e se impõe em condição de aguda literatura, de alta qualidade. A leitura consegue nos conduzir para sua produção que toma por princípio a desobediência, a crítica ao extrativismo dos sistemas da arte e a ferida colonial, que ainda dói, como se refere o título de um dos seus trabalhos"

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Com extensa produção e visibilidade internacional, aqui nos atentaremos especificamente a performance/sessão de leitura[1] "Corpo Colônia" (imagem 1), apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2012. A artista descreve a obra da seguinte maneira: "Eu estou nua, na universidade federal do Rio Grande do Norte, e uma colega lança pedras com uma pá sobre mim. Eu leio o poema." O poema lido pode ser encontrado no site da artista, trazemos aqui um trecho:

> "Corpo, território ocupado pelo sex-Império. Objeto a ser moldado pela tecnocultura heterocapitalista. Corpo de macho. Corpo de macho castrado de cu. Corpo-colônia. Corpo marcado. Corpo usurpado pelos sistemas classificatórios. (...) Então… Como vergar esse corpo? Como dobrá-lo?"

[1] Importante salientar que algumas linguagens tem sido incorporadas na prática artística de diversas/es/os artistas aqui citadas/es/os a partir do uso de novas nomenclaturas, como exemplo, aqui onde Jota chama a obra de "performance/sessão de leitura, ou em Elton Panamby (pessoa trans não binária também pesquisada), que trabalha com o termo *aparição*, em obras que se assemelham a performances.

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



Imagem 1 - Corpo Colônia (2012). Fonte: site da artista

Produção mais recente que dialoga com essa anteriormente apresentada é “A ferida colonial ainda dói” (imagem 2), produzida entre 2015 e 2017, dividida em cinco volumes, sendo a imagem aqui apresentada, parte do volume 3, “O Colapso Da Colônia” (2016).



Imagem 2 - "A ferida colonial ainda dói". Fonte: site da artista

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Aproximamo-nos aqui, da noção de “corpo colonial”, desenvolvida por Franz Fanon, onde o corpo é entendido, inclusive em momentos “pós-coloniais”, ainda como corpo que sofre efeitos da colonização. Acreditamos que as obras de Mombaça podem ser lidas enquanto ações no sentido de deslocamento do corpo colonizado em direção a abolição “do mundo como o conhecemos rumo à possibilidade de viver outramente. (MOMBAÇA, p. 18).

Nas duas obras, a artista coloca seu corpo enquanto “monstruoso, de presença aberrante e desobediente de gênero” como imagem que marca um “outro modo de habitar e enfrentar o mundo”, a partir de onde ela lida com a quebra que a “desmonta e, paradoxalmente, viabiliza”. (MOMBAÇA, p. 26).

Outra produção artística que serve como embasamento teórico e poético dessa proposição de pesquisa é aquela empreendida por Castiel Vitorino (1996) – autodenominada mulher trans, artista visual, macumbeira e psicóloga. Sua prática artística articula as diásporas das corporalidades negras não-cisgêneras fazendo uso de fotografia, performances, desenho e, mais recentemente, instalações, para abordar questões de representação, corpo e desconstrução da identidade formal.

Exemplo dessa produção pode ser encontrado na foto-performance “Sagrado feminino de merda” (imagem 3), produzida em 2019 em Vitória, e agora em exposição em La Virreina Centre de la Imatge, Barcelona. O texto que acompanha a obra em seu site é:

> “Sagrado feminino de merda. Meu sagrado é de merda porque meus testículos são femininos? Meu feminino é de merda porque meu sagrado é retinto avermelhado? Ser feminina é uma merda, mas se dizem que não sou feminina porque continuo uma merda? Sou negra e me chamam de negro.

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

> Pera lá, não existe ingenuidade entre nós. No momento da mortificação, todos sabem que sou bixa ou travesti. Então porque me chamam de negro? É uma hipocrisia que não me pertence. Porque há uma projeção. Me reconhecem como merda e me classificam numa cisgeneridade que vocês reconhecem não existir em mim no momento que me chamam de merda. Se sou uma merda então sou feminina e sagrada." (2019)

A artista localiza o trauma da colonização a partir do território que ocupa e propõe curas - tanto para as imagens quanto para os corpos imbricados nesse sistema cisheterocolonial. Especificamente nessa obra, a artista traz o conflito e a incoerência da ciscolonização, onde a morte do seu corpo é causada por uma categoria (travesti - gênero) que o próprio discurso cisgênero não concede a ela (chamando-a de "negro" - raça).

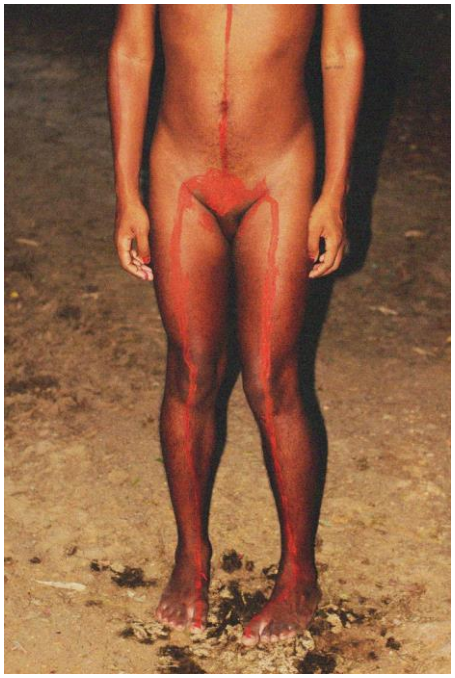


Imagem 3 - "Sagrado feminino de merda" (2019) Fonte: site da artista

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Importante ainda ressaltar que os trabalhos das pessoas pesquisadas em diversos momentos se cruzam não só enquanto temática mas também de forma mais direta; diversas artistas pesquisadas trabalham juntas, convidam umas as outras para participar de obras, fazem curadorias uma das outras e se comunicam de forma publica por meio de suas redes sociais. A exposição “Aqui foi o Quilombo do Pai Felipe” (2019), de Castiel, por exemplo, teve a curadoria de Jota. Aqui trazemos um trecho do texto de abertura da mesma:

> Bicha, a história tem, de fato, nos exigido crueldade. A ingenuidade perante as formas do poder não é um luxo ao qual nos podemos dar. Não se sobrevive a uma guerra fingindo simplesmente que os canhões não estão apontados, que não há arame farpado nas ruas e que os cães de guarda não enxergam sua mira em nosso pescoço. Eu sei que você sabe do que estou falando (...) Com carinho, Jota.”

CONCLUSÃO

Foi apresentado aqui, uma mostra parcial dos resultados do é até então a pesquisa “Cuidado com a visão de rapina das gazela”; onde, por meio do uso da noção de autoria e de intersecicionalidade, entrecruzamos posições identitárias (negritude e transgeneridade), para constituir arquivo que de conta da multiplicidade de linguagens, temáticas e técnicas produzidas pelas/es/os artistas pesquisadas/es/os.

O debate aqui, se politiza a partir do uso da noção de autoria enquanto ferramenta política capaz de abrir debate sobre invisibilização e marginalização das posições identitárias analisadas; construindo uma pesquisa na história da arte que dê conta não só do que é produzido a partir de determinada posição identitária, mas

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

também analisando as consequências sociais de tal posição; ainda, também, a maneira como a partir e apesar desses marcadores, esses corpos se movimentam (ou não) nos espaços de arte.

Segundo Simões (2021, p 3), “a história da arte brasileira é escrita desde uma lógica local constituída por um tecido social que segrega, exclui, desumaniza, aparta. A disciplina não é neutra e impassível ao dado de ser escrita desde o Brasil e suas perversidades.” Sendo assim, buscou-se articular com a produção artística, referências teóricas que apresentam caminhos para a constituição de bibliografias que deem conta das tensões particulares que são incitadas por um conjunto de saberes que, muito recorrentemente, se encontram ausentes nos referenciais dos cursos de graduação em arte, ainda profundamente colonizados.

Empreender esforços acadêmicos que possam ao mesmo tempo dar nomes e lugares para a produção de artistas negras/es/os a partir do recorte transgênero é simultaneamente tocar na arte e na vida como problemas a serem enfrentados na busca de uma universidade mais ética e comprometida com as formas de vida que não se submetem aos enquadramentos normativos. A história da arte que escrevemos desde o Brasil, urge por outros enquadramentos que questionem sua norma branca, cisgênera, masculina e de matriz europeia.

Em termos mais diretos, pretende-se seguir inventariando artistas trans negras/es/os brasileiras/es/os para instigar estudos futuros e desdobramentos tanto no âmbito acadêmico como além. Espera-se ainda que se possa constituir com as bibliografias, entrevistas e materiais coletados algo que possa vir a ser dispositivo

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

para a escrita de histórias insubmissas[2] da arte brasileira, entendendo essa insubmissão como a matéria primeira que forja as disputas do campo contemporâneo da cultura brasileira.

Referências:

BATISTA, Valdoni Ribeiro; RAUEN, Margarida Gandara. *A desarticulação do androcentrismo e da discriminação interseccional por meio do ensino da arte contemporânea*. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.7, n.14: nov.2017 Disponível em https://eba.ufmg.br/revistapos.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero.* Periódicos UFSC de Estudos Feministas nº 185,1/2002 Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2002000100011/8774> Acesso em 14 de março 2021.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra.* São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. *Pode o cu mestiço falar?* 2015, disponível em https://jotamombaca.com/texts-textos/pode-um-cu-mestico-falar/ Acesso em 10 de março de 2021.

_____. *Não vão nos matar agora*. 1. Ed. - Rio de Janeiro : Cobogó 2021.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica:* 1ªed, n-1 edições: 2018.

[2] Termo retirado do Curso ministrado pelo Prof. Dr. Igor Moraes Simões, "Histórias insubmissas da arte no Brasil negro" para o MASP Escola durante agosto e setembro de 2021.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019. 208p.

SCOTT, Joan – *Gênero uma categoria útil de análise histórica* - Educação & Realidade, v.lS, n.2, jul./dez. 1990, traduzido da versão em francês. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667. Acesso em 05 jan. 2021.

SIMAKAWA, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.* 244p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015.

SIMÕES, Igor Moraes. *Onde estão os negros? Apagamentos, racialização e insubmissões na arte brasileira.* Revista Porto Arte, 2019. v. 24, n. 42. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/98263/54850 Acesso em: 21 de março de 2021.

_____. *Entre a sutura e o abismo: mulheres artistas negras no brasil- uma breve introdução*. (No prelo), 2021.

CAMARGO, Lau Graef D.; SIMÕES, Igor Moraes. Caminhos para um inventário da produção artística de pessoas trans negras na arte contemporânea brasileira. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.